

Resumo de notícias econômicas

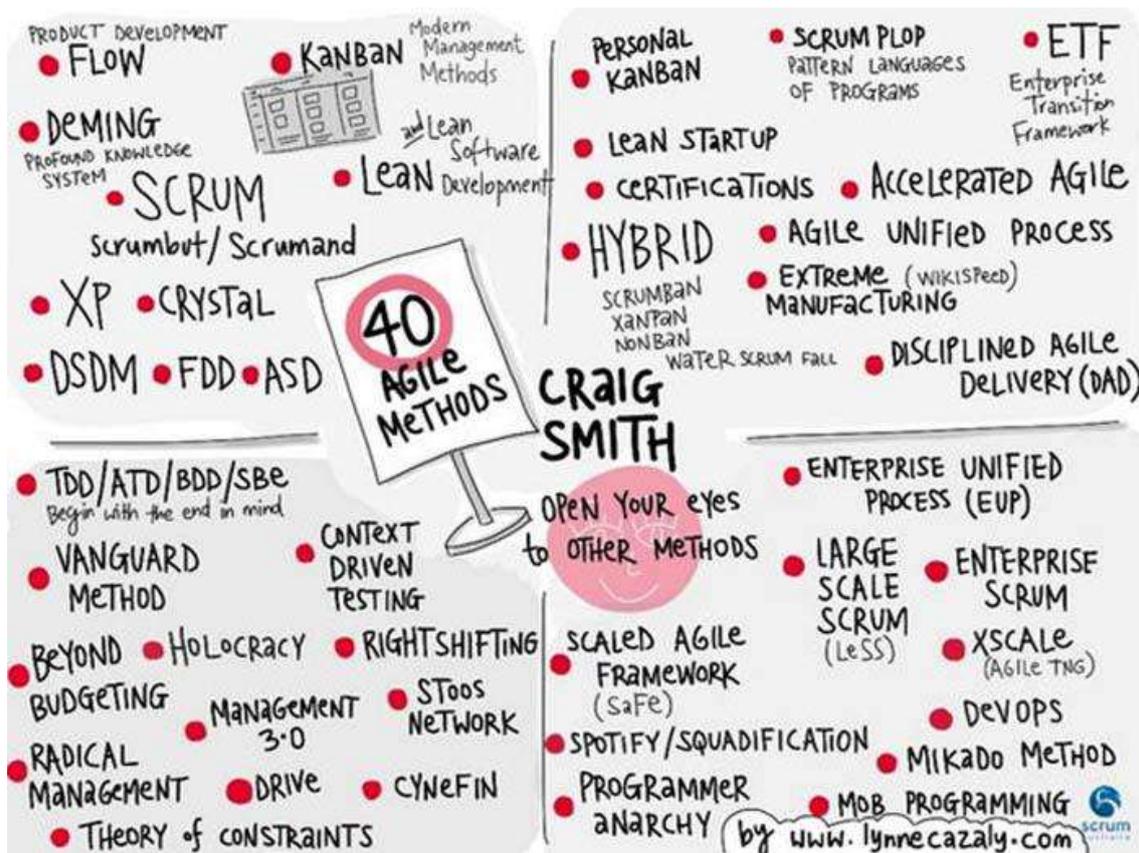
28 de Outubro de 2021 (quinta-feira)

Ano 3 n. 204

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO



PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 28 OUTUBRO DE 2021

Após furo do teto, BC promove maior alta dos juros em 19 anos (28/10/2021)

O Estado de S. Paulo

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central elevou em 1,5 ponto percentual a taxa básica de juros da economia, para 7,75% ao ano, o maior nível desde outubro de 2017. Os principais fatores que levaram à decisão foram a inflação persistente e o aumento do risco fiscal, com a tentativa do governo de alterar o teto de gastos. A Selic não subia tanto em uma reunião desde dezembro de 2002, quando passou de 22% para 25%.

A taxa básica de juros não subia tanto em uma única reunião do Copom desde dezembro de 2002, quando passou de 22% para 25% ao ano. Com o anúncio de ontem, chegou agora a seu maior patamar desde outubro de 2017 (7,5%).

Em comunicado, o Copom indicou que deve fazer um novo ajuste da mesma magnitude em dezembro. Assim, a Selic encerraria o ano em 9,25%. Um dos principais objetivos do BC é manter a inflação sob controle, e o instrumento usado para alcançar isso é a taxa de juros. Historicamente, juros altos ajudam a esfriar a economia. Mas a disparada dos preços não tem dado trégua, e a previsão é de que a inflação feche o ano próxima de 9% – acima do teto da meta (de 5,25%).

O Copom fala disso no seu comunicado, ao repetir que “os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar o cumprimento da meta de inflação”. Um outro componente, porém, entrou na conta: a tentativa de mexer no teto de gastos, abrindo espaço para mais despesas do governo em 2022. Para o BC, a manobra pesou na deterioração das expectativas de inflação, mesmo com os principais indicadores das contas públicas apresentando melhora nos últimos meses. “O Comitê avalia que recentes questionamentos em relação ao arcabouço fiscal elevaram o risco de desancoragem das expectativas de inflação, aumentando a assimetria altista no balanço de riscos.”

Como a nova Selic vai afetar os investimentos (28/10/2021)

Broadcast

Com a nova alta da Selic, o investidor que busca segurança encontra oportunidades nos títulos de renda fixa pós-fixados. Esses papéis costumam ter rendimentos atrelados ao CDI – uma taxa que acompanha a evolução da Selic – ou ao IPCA. Com a Bolsa andando de lado, por causa dos riscos fiscal e político, os títulos pós-fixados passaram a oferecer boas oportunidades. Isso porque o valor é corrigido por um indexador flutuante e, com o cenário conturbado, a remuneração é maior.

Contudo, é preciso estar atento à inflação, que está corroendo boa parte das aplicações, até mesmo em renda variável. Não há nada no horizonte que indique que a inflação irá ceder este ano, por mais que o Copom tenha elevado pela sexta vez

consecutiva a taxa básica de juros. Especialistas apostam que o ciclo de alta da Selic só deve se encerrar em meados de 2022, atingindo uma taxa entre 11% e 12%. No momento em que a taxa chegar a seu limite e puder começar a cair na sequência, essa será a hora ideal de pensar em realocar recursos nos títulos prefixados – em que o investidor sabe exatamente quais os juros que vai receber na data de vencimento. Por ora, os especialistas acreditam que eles ainda não são bons investimentos, especialmente para quem é mais conservador.

Para Henrique Zimmermann, sócio da VLG Investimentos, as melhores oportunidades para quem quer investir por um prazo curto estão nos títulos atrelados ao CDI. Já para aqueles que olham mais no futuro, as oportunidades estão nas aplicações corrigidas pelo IPCA. Embora a renda fixa ofereça boas perspectivas, isso não significa que o investidor não possa encontrar oportunidades na renda variável, o que inclui as ações na Bolsa. Setores como bancos e seguradoras, por exemplo, costumam se beneficiar dos ciclos de alta da Selic. Mas é preciso ter sangue frio para lidar com as flutuações (e quedas bruscas), o que pode fazer o valor das aplicações despencar.

‘Não me surpreende uma estagnação em 2022’ (28/10/2021)

O Estado de S. Paulo

A sinalização dada pelo governo na semana passada de que vai furar o teto de gastos públicos deixou o Banco Central sozinho no combate à inflação. Sem a política fiscal como aliada, a autoridade monetária tem de ser mais agressiva na alta dos juros. Isso vai pesar mais na atividade em 2022, segundo o economista José Julio Senna, ex-diretor do Banco Central, chefe do Centro de Estudos Monetários do IBRE/FGV.

Como o sr. avalia a decisão do BC de subir em 1,5 ponto porcentual a taxa básica?

Não há dúvida de que é o caminho disparado mais adequado. Se houver a continuidade dessa política, com mais dois aumentos de 1,5 ponto e um de 1,25, com a Selic chegando em 12% em março e mantida nesse patamar, poderemos acreditar que a inflação de 2022 ficará na vizinhança da meta de 3,5%. Na última segunda-feira,

rodamos o modelo de projeção da MCM, levando essas hipóteses de mercado e chegamos a esse resultado.

Faria sentido ser mais agressivo na alta dos juros?

Não, pois o BC não pode causar volatilidade no mercado.

Como o sr. vê a inflação?

Os gargalos da produção, a interrupção das cadeias produtivas, todas as encrascas do lado da oferta no mundo vieram por causa da pandemia. Também do lado da demanda, é indiscutível que houve no mundo inteiro um desvio de consumo de serviços para o de bens, por conta da crise sanitária. No Brasil, a inflação tem se mostrado bastante complexa. Temos não só a inflação da pandemia, mas outras coisas: crise hídrica, problemas climáticos e uma questão ligada ao risco País, associada a preocupações de cunho político e fiscal. Com o risco-país em alta, o câmbio se deprecia e mexe com preços de mercadorias. Lá fora é a inflação da pandemia. Aqui é pior, ainda mais com o sinal de abandono da regra fiscal. Por causa do risco político e fiscal, o BC não tem contado com o câmbio, um dos canais mais importantes de transmissão da política monetária. Ele está só no combate à inflação. Esse é o problema.

Quais são os impactos?

Essa não é a maneira mais eficiente de segurar a inflação. O ideal é que o lado fiscal coopere com o lado monetário. A despeito de não estarmos diante da resposta ideal, não há alternativa: o BC não pode jogar a toalha. Senão vamos adicionar à lista dos problemas uma inflação mais alta em caráter permanente.

Qual é o efeito da alta dos juros na atividade?

Como o BC está sozinho nessa batalha, os juros da política monetária têm de ser mais elevados do que precisariam ser. Não vou me surpreender se tivermos uma estagnação econômica no ano de 2022 ou talvez até pior do que isso.

Novos impasses arrastam PEC dos precatórios (28/10/2021)

Broadcast

A decisão do presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, de retomar as votações presenciais nesta semana dificultou o avanço da PEC dos precatórios, essencial

para o governo lançar o Auxílio Brasil de R\$ 400. Congressistas não retornaram a Brasília e, sem poder marcar presença a distância, desfalcaram o quórum necessário para que o texto fosse à votação com segurança de um placar favorável. Caso fique para a semana que vem, o cenário é mais delicado, pois há feriado e o presidente da Câmara e seu vice, Marcelo Ramos (PL-AM), viajarão para a COP-26.

Em meio ao impasse em relação ao quórum, cresceram as articulações por mudanças no texto da PEC, que hoje limita o pagamento dos precatórios (dívidas judiciais) e altera a correção do teto de gastos, regra que impede aumento de despesas acima da inflação.

A principal mudança seria a retirada dos precatórios do Fundef do teto de gastos. Trata-se de uma dívida de pouco mais de R\$ 15 bilhões com Estados, entre eles Bahia, Ceará e Pernambuco (comandados por partidos de oposição ao presidente Jair Bolsonaro), decorrente de repasses a menos feitos no passado ao fundo de educação básica. Segundo apurou o Estadão/broadcast, o governador da Bahia, Rui Costa (PT), ligou para deputados para intensificar o corpo a corpo.

O relator, deputado Hugo Motta (Republicanos-pb), tem defendido seu parecer, mas se mostrou aberto a negociações. Além da oposição, até bancadas que costumam votar com o governo estão divididas. Aliados do governo admitem que, sem resolver o impasse do Fundef, pode faltar voto. Hoje, o cálculo é que estão assegurados 240 a 250 votos pela aprovação da proposta. Um acordo em torno dos recursos para Estados poderia garantir outros 60 a 80 votos. O MDB decidiu votar contra. O PSDB está rachado. Além do Fundef, pesa o risco de desfiguração do teto de gastos, com nova fórmula de correção.

Ocupação sobe, mas trabalhador ganha menos e em vagas precárias (28/10/2021)

O Estado de S. Paulo

O mercado de trabalho manteve em agosto a trajetória de recuperação lenta. Há mais pessoas ocupadas, mas a maioria retornou ao mercado em vagas precárias, com baixos salários. Diante da esperada desaceleração do ritmo de crescimento em 2022,

uma retomada mais vigorosa do emprego no País no curto prazo estaria ameaçada. Dados divulgados ontem pelo IBGE mostram que no trimestre móvel até agosto a taxa de desemprego diminuiu para 13,2%, ante os 14,6% apurados no trimestre móvel até maio. Apesar da melhora, o País ainda tem 13,7 milhões de pessoas em busca de uma vaga. Entre os que se mantêm trabalhando, o salário médio teve queda recorde, e já não chega a 90% do que recebiam há um ano.

Há um longo caminho até o País voltar a uma taxa de desemprego com apenas um dígito, como em 2015, disse o economista-chefe da MB Associados, Sergio Vale. “Talvez três ou quatro anos, será um processo longo e demorado. Não vai acontecer nem ano que vem e nem em 2023”, disse Vale. Além de ser insuficiente para recuperar todos os postos de trabalho perdidos com a pandemia, a geração de vagas, que chegou a 3,480 milhões de trabalhadores em um trimestre, foi marcada pela má qualidade: empregos informais e com remuneração menor.

“As pessoas têm voltado ao mercado de trabalho por salários mais baixos, e, além disso, a inflação elevada ainda come um pouco dessa renda obtida”, explicou o economista Rodolpho Tobler, responsável pelo Indicador Antecedente de Emprego (IAEMP) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (IBRE/FGV).

O rendimento médio real do trabalhador tombou 10,2% na comparação com um ano antes, a maior queda já registrada na Pnad Contínua, iniciada em 2012 pelo IBGE.

Segundo Adriana Beringuy, coordenadora de Trabalho e Rendimento do IBGE, o aumento “bastante significativo” da ocupação marcou a acentuação de um movimento que já vinha sendo observado nos trimestres móveis anteriores – a retomada gradual da normalidade nas atividades econômicas, em meio ao avanço da vacinação contra a covid-19.

Mesmo com o Pix, 53% dizem preferir dinheiro vivo (28/10/2021)

Broadcast

Apesar do avanço do uso Pix e dos cartões, a maioria dos brasileiros tem uma relação com o dinheiro parecida com a de Antônia. Segundo pesquisa inédita da

Fundação Dom Cabral (FDC), com a empresa de transporte de valores Brink's, 53,4% dos brasileiros preferem pagar contas e fazer compras em dinheiro. Depois das cédulas e das moedas, aparecem o cartão de crédito (20%), cartão de débito (16,5%), boleto bancário (4,6%) e o novato Pix, que surgiu no fim do ano passado e tem a preferência de 3,5% dos brasileiros.

A pesquisa foi feita com 2 mil pessoas por telefone, o que, segundo o responsável pela pesquisa, o professor Fabian Salum, traz um recorte mais fidedigno da situação atual. “Evitamos o viés de respondentes de capitais e de internautas, e isso mostrou que o dinheiro ainda está longe do fim”, diz. O principal motivo pela opção pelo dinheiro é o controle, com 31,3% das respostas. Depois vêm a facilidade, com 22,4%, e a segurança, com 11,1%. Conforme Salum, a segurança preocupa pela falta de infraestrutura de internet em boa parte do Brasil ou também pela falta de acesso a equipamentos melhores. “O número é influenciado pelo fato que, segundo o estudo, 38,5% da população adulta não tem conta bancária – principalmente no Nordeste (47,1%) e menos no Sul (27,7%).

A pandemia também fez o dinheiro em circulação aumentar. Segundo o Banco Central, eram R\$ 212 bilhões em papel-moeda no início de 2020, quase R\$ 309 bilhões em dezembro, puxado pelo pagamento do auxílio emergencial, e, entre março e agosto, o volume caiu para R\$ 280 bilhões.

O Pix estreou em novembro e, quase um ano depois, conforme a pesquisa, 49,2% da população já utilizou a ferramenta. Quando o recorte é na população mais jovem, 27,2% dos millennials (nascidos nos anos 1980 e 1990) admitem usar muito o Pix, e o percentual sobe para 43,2% da geração Z (nascidos entre a segunda metade dos anos 1990 e 2010). A Brink's, que patrocinou a pesquisa, quer utilizar os dados para ajudar seus clientes a entender a transição por que passa a própria empresa. Cerca de 60% do faturamento vem do transporte de valores, especialmente o dinheiro – hoje, a empresa já oferece carteira digital.

‘Retirada acima do teto de gastos tem de parar por aí’ (28/10/2021)

O Estado de S. Paulo

O importante, no sofrido Brasil de hoje, não são os R\$ 30 bilhões destinados ao Auxílio Brasil. E, sim, o governo deixar claro que esta retirada, além do teto de gastos, pare por aí. É nesses termos que Abilio Diniz vê a situação da atual política econômica. Falar “em caos ou catástrofe, como tantos estão fazendo”, lhe parece exagero.

O Brasil e o mundo vivem hoje uma crise econômica, e muitos acham que vem por aí uma realidade bem diferente. Consegue prever algo para frente?

Não vejo o Brasil desse jeito, acho que temos de ser um pouco mais condescendentes e não ficar olhando só para o retrovisor. Nosso PIB caiu 4,1% no ano passado, número igual ao dos Estados Unidos. A Europa caiu entre 9% e 10%. Este ano vamos crescer 5% em cima de uma base que não caiu tanto. Então, dizer que estamos “numa crise monumental”, não é bem assim.

A crise é mais política do que econômica? É de comunicação, com as redes sociais a cada hora espalhando uma coisa diferente?

Estamos vindo de uma pandemia brutal, que assolou o mundo inteiro, e aumentamos muito o número de desempregados. Mas já voltamos a gerar emprego. O que está faltando é mais serenidade e tranquilidade.

E quem pode trazer isso?

Todos nós. Primeiro os governantes – Executivo, Legislativo e Judiciário –, e depois nós mesmos, a mídia também ajudando. Por exemplo, essa onda agora de catastrofismo que assolou o Brasil – “ah, estourou o teto de gastos, o Brasil vai acabar, não tem mais jeito...” É uma crise criada, o anúncio de um caos que não existe. Primeiro, não estourou o teto de gastos. Foi feita alguma coisa além desse teto. Se olhar o quanto esse número impacta a relação dívida-pib, isso que foi feito agora para atender os vulneráveis, os que mais precisam... Não vai acontecer nada com o nosso País. O importante é que essa retirada do teto de gastos pare por aí.

E como a taxa de câmbio pode cair?

Não é por ato do Banco Central, é por confiança no País. O dinheiro só está saindo, não tem voltado. Veja, o Brasil tem tudo para chegar aos 5% de crescimento este

ano e já tem gente fazendo prognóstico de 0,5% negativo no ano que vem. Acho uma temeridade se falar uma coisa desse tipo.

O trabalho depois da pandemia (28/10/2021)

O Estado de S. Paulo

José Pastore

PROFESSOR DE RELAÇÕES DO TRABALHO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Com o avanço da vacinação, cresce o número de pessoas que circulam e consomem, o que gera trabalho e emprego. Gradualmente, as atividades remotas e as aulas online estão voltando a ser presenciais, o que faz aumentar o consumo e libera as mães para trabalhar. O Auxílio Brasil de R\$ 400,00 ajudará a elevar o poder de compra, o consumo e a oferta de trabalho. O consumo engrossará também pelas pessoas que estão ávidas por uma viagem de férias, por participar de eventos sociais, culturais e esportivos, lotando os parques e restaurantes, como já ocorre. Enfim, os brasileiros estão loucos para voltar aos encontros do cotidiano.

O quadro já está melhorando, tanto no segmento formal quanto no informal, ainda que com salários mais baixos. Em vários setores já falta mão de obra, o que está levando as empresas a acelerar a incorporação de tecnologias. É o caso da profusão do QR Code nos restaurantes; da expansão das compras por internet; da robotização e inteligência artificial em várias atividades. Não há dúvida, a volta dos serviços será geradora de muitas oportunidades de trabalho ao longo de 2022. As eleições gerais impulsionarão o trabalho temporário, que, aliás, já está bombando.

O resultado só não será melhor por causa da escalada dos juros, do desarranjo das cadeias globais de valor e da desconfiança dos investidores no governo de plantão.

Como sempre, a digitalização destruirá e criará oportunidades de trabalho que requerem habilidades ainda escassas. As escolas profissionais – Senai, Senac, Senar e outras – terão de intensificar a preparação das pessoas, tornando-as capazes de fazer os trabalhos demandados por uma economia que exige profissionais mais qualificados. Hoje, apenas 8% dos atuais trabalhadores passam por escolas profissionais e só 18% concluem cursos superiores, muitos deles de má qualidade. As empresas terão de

participar da qualificação indicada de modo contínuo, dando mais atenção aos aprendizes.

Mas não devemos exagerar quanto à demanda por pessoal qualificado. Afinal, 70% dos atuais postos de trabalho estão em setores de baixo conteúdo tecnológico. A mudança está em curso, é verdade, mas não será instantânea. Por isso, é crucial aproveitar esta “trégua” para intensificar a qualificação dos brasileiros.

Nubank escolhe NY para abertura de capital (28/10/2021)

Broadcast

O banco digital Nubank, apontado como o maior de seu segmento no mundo, escolheu a Bolsa de Valores de Nova York (Nyse) para fazer seu IPO. A operação poderá movimentar até R\$ 22 bilhões (US\$ 4 bilhões), de acordo com fontes de mercado. Além das ações em Nova York, haverá também títulos de ações (BDRS) listados na B3, o que garantirá acesso facilitado ao investidor brasileiro.

De acordo com os cálculos que estão atualmente na mesa, a fintech brasileira poderá chegar valendo quase R\$ 400 bilhões (ou US\$ 70 bilhões). Se isso ocorrer, o Nubank será mais valioso do que o maior banco da América Latina, o Itaú Unibanco, atualmente avaliado em R\$ 221 bilhões na B3, e o Bradesco (R\$ 182 bilhões) combinados. A previsão é de que a oferta na Bolsa de Nova York ocorra em dezembro.

A decisão de fazer a dupla listagem – e não um IPO apenas nos Estados Unidos – teve como estratégia a proximidade aos seus mais de 41 milhões de clientes. A ideia é evitar críticas como as recebidas pela XP, que abriu seu capital há quase dois anos na Nasdaq, impedindo que seus clientes pudessem ter acesso direto às suas ações na ocasião. Esse problema foi solucionado recentemente, quando a maior corretora do País passou a ter suas BDRS listadas por aqui. Na época do IPO da XP, contudo, as regras impediam que uma empresa brasileira pudesse ter BDRS na Bolsa local .

Com os Brazilian Depositary Receipts (BRDS) disponíveis na B3, a participação dos investidores locais foi viabilizada. A expectativa é de alta demanda, apesar do mercado bastante volátil no Brasil – cenário que afastou da B3 nada menos do que 60 candidatas a estreiar no mercado nacional nos últimos meses.

Clima pesado afeta novas ofertas de empresas que já têm capital aberto (28/10/2021)

Broadcast

Não foram apenas as estreias de empresas na Bolsa que congelaram com as incertezas crescentes da economia. Desde sexta-feira, quando o teto do Orçamento da União foi oficialmente furado, ficou mais difícil emitir também papéis das companhias já listadas na B3, os chamados follow-ons. Motivos: falta de parâmetros e perspectiva de agravamento do cenário econômico. As ofertas subsequentes eram vistas como alternativa a ocupar o espaço das iniciais (IPO), já que as companhias têm histórico e são conhecidas dos investidores. Mas nem elas resistiram. O furo do teto foi a pá de cal no mercado de ações, a alta da inflação e do juro, pelo PIB menor e pelo risco político.

Para Roberto Reis, um dos sócios da gestora Meraki Capital, “follow-on em teoria é mais fácil”. No entanto, quem optar por lançar uma oferta neste momento terá de aceitar um desconto maior no valor dos papéis. Reis, que tem como sócia Lia Maria Aguiar, filha do fundador do Bradesco, Amador Aguiar, diz que a Meraki não avalia participar de nenhum follow-on neste ano. Já a economista-chefe do Santander, Ana Paula Vescovi, afirma que o custo do capital está aumentando, inclusive porque está ficando mais escasso. Ela participou de evento da Anbima, no qual a visão que prevaleceu para a economia brasileira foi pessimista. “Estamos entrando em uma espiral negativa”, disse. E planos de investimento podem ser repensados.

No mesmo evento, a economista-chefe do Jpmorgan no Brasil, Cassiana Fernandes, afirmou que, pela primeira vez desde 2016, tem de responder a clientes perguntas sobre a solvência do Brasil. O entusiasmo com a América Latina e o País, disse, está no menor nível da série histórica.

Bitcoin e Arte (28/10/2021)

Broadcast

O 2TM, grupo que controla a plataforma Mercado Bitcoin, entrou no segmento de arte, por uma porta vanguardista e futurista. Adquiriu uma participação na

Fingerprints, empresa curadora de arte digital, na qual todos os processos acontecem no ambiente blockchain.

A transação também teve formato inovador, com ativos digitais. Para comprar a participação na Fingerprints, o 2TM transferiu Ethereum (moeda virtual) e recebeu em troca \$PRINTS, que são tokens com direito a voto na companhia. Segundo Roberto Dagnoni, CEO do 2TM, todo o projeto é revolucionário.

A Fingerprints é dona de uma das maiores coleções do mundo de Autoglyphs, tipo de arte on-chain, sem a necessidade de uma referência a um link externo. Concebidos em 2019 pelos mesmos criadores dos Cryptopunks, os Autoglyphs são a primeira obra de arte criada e custodiada na rede do Ethereum, on-chain. O sistema só permitiu a criação de 512 Autoglyphs. Daí a exclusividade e a importância histórica. O Autoglyph mais barato hoje custa US\$ 1,3 milhão.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualizado 19.10.2021

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	6,24
Brasil	1,78	1,41	-4,06	5,02

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ BILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155,9	167,0	168,3	193,6
Brasil	7.004,1	7.407,0	7.447,9	8.468,1

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,29
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 29/09/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão.

Taxas de crescimento (%) do Valor Adicionado por setores e atividades

ÍNDICE DA ATIVIDADE ECONÔMICA REGIONAL - VARIACÃO ACUMULADA (%)							
REGIÃO/ANO	2018		2019		2020		2021
	JAN-AGO/18	JAN-DEZ/18	JAN-AGO/19	JAN-DEZ/19	JAN-AGO/20	JAN-DEZ/20	JAN-AGO21
Ceará	1,58	2,02	2,15	2,36	-3,41	-1,88	4,26
Nordeste	1,77	1,64	0,44	0,61	-3,14	-1,94	4,06
Brasil	1,17	1,25	0,77	0,99	-5,65	-3,94	6,41

Fonte: Banco Central.

Nota: base: igual período do ano anterior

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até agosto)
Brasil (R\$ Trl)	3,26	3,48	4,02	4,34
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	94,58

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE – CEARÁ				
	Variação Acumulada de Janeiro a Agosto			
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,1	1,7	-14,9	16,3
Pesquisa Mensal de Serviços	-8,3	-1,4	-15,5	10,6
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,1	-1,4	-10,9	0,6
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	3,6	3,0	-10,5	12,0

Fonte: IBGE e FGV.

Nota: base: igual período do ano anterior

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018.4	2019.4	2020.4	2021.2
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,0
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	42,1
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.600 (100%)
Força de trabalho (mil) (a=b+c)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.759 (49%)
Ocupada (mil) (b)	3.676	3.762	3.260	3.196
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.474
Informal (mil)	2.046	2.060	1.726	1.722
Desocupada (mil) (c)	412	423	549	563
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.840 (51%)
Desalentados (mil)	328	358	466	441
Rendimento médio, estimava real, de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (em R\$)	1.525	1.685	1.656	1.605

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até agosto)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.731	1.585.661
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.302	9.008.277
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.630.508	49.834.495
CE/NE (%)	17,34	17,11	17,15	17,02	17,39	17,51	17,60
CE/BR (%)	3,21	3,13	3,17	3,16	3,17	3,20	3,18
NE/BR (%)	18,52	18,32	18,46	18,54	18,26	18,27	18,08

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 021.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN-SET)					
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021	Var (20 - 21) %
Abertura	53.923	64.624	65.338	85.966	31,57
Fechamento	64.961	23.496	20.414	29.054	42,32
Total	-11.038	41.128	44.924	56.912	26,69

Fonte: JUCEC.

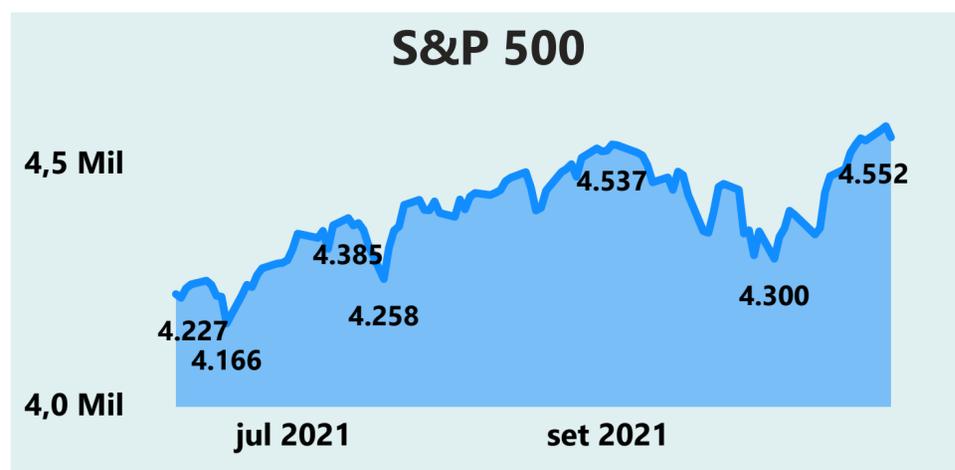
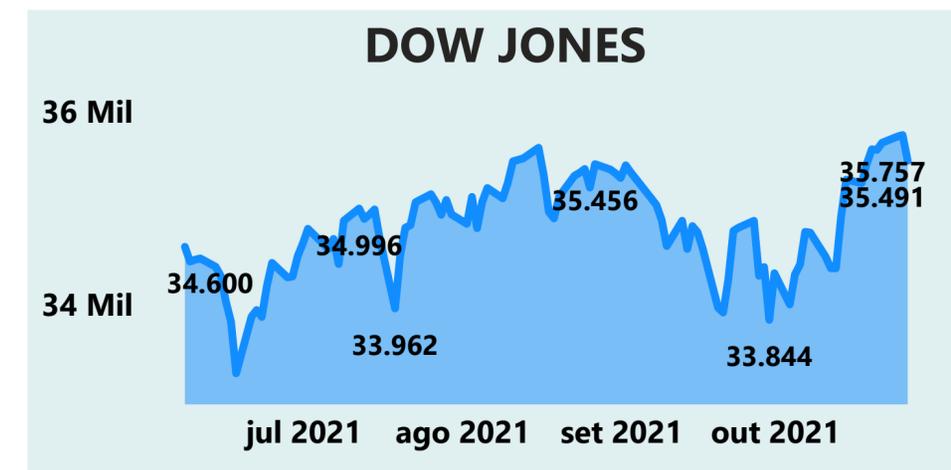
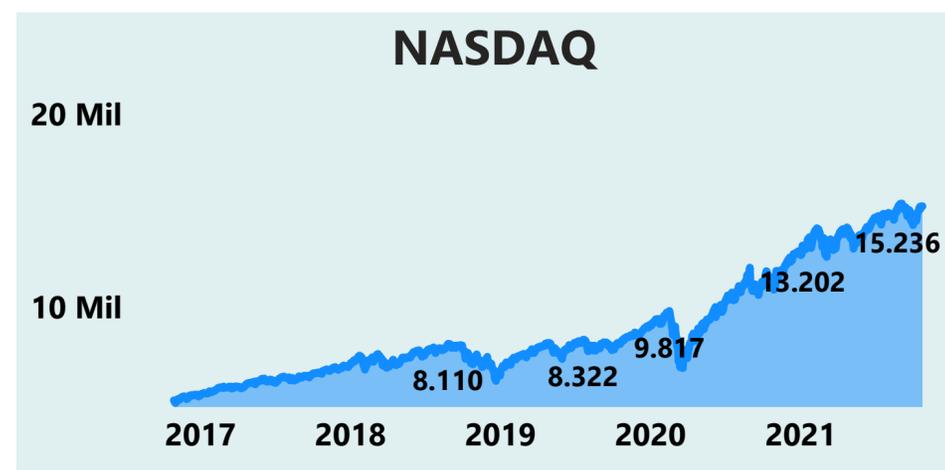
PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-SET)					
PERÍODO	2018	2019	2020	2021	Var (20 - 21) %
	13.141.288	13.233.608	11.562.977	16.012.138	38,48%

Fonte: CIPP

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-JUN)				
	2019	2020	2021	Var (20 - 21) %
Ceará	5.819.946	5.367.621	6.189.444	15,31

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.

BOLSAS



MOEDAS

